

Qual viagem? Enlaces do gozo no subjetivo e no social

De: Alexandre Porto Vidal

Sérgio Y vai à América

São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Por: Andréa Borges Leão

Doutora. Professora do Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal do Ceará.

e

Alef de Oliveira Lima

Estudante do curso de graduação em Ciências Sociais.
Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
(PIBID/Sociologia).
Universidade Federal do Ceará.

A análise sociológica da obra literária se apresenta permeada por uma série de demandas. Algumas delas se referem aos métodos e possibilidades que se destinam a tratar a literatura como espaço de formalização da experiência social. Com efeito, esta perspectiva circunscreve a cena literária a contextualidades históricas e/ou aos percursos de cada autor. Tudo fica mais complexo quando a obra literária vai além daquilo a que ela mesma se propõe. Ou seja, além de suas dimensões contextualizadas. A obra literária consegue estabelecer outras conexões com as realidades sociais ou psíquicas – quer por meio da inscrição significativa da narrativa dentro da contemporaneidade, quer pela renovação de sua tematização frente ao seu contexto de produção/circulação.

A respeito desse conjunto de considerações, trazemos a discussão sobre o livro de Alexandre Porto Vidal, *Sérgio Y vai à América* (2014). Nele, o autor nos leva a indagar o valor da escuta psicanalítica e as ressonâncias intersubjetivas que

se apresentam na relação analista-analisado. As novidades das colocações literárias de Vidal Porto consistem em trazer ao texto um deslocamento de posições entre aquele que “classicamente” definiríamos como protagonista e o seu Outro, que tratamos como “protagonizado” ou o sujeito que é descrito. A leitura nos revela que histórias são contadas dentro de histórias. Quando desenhemos trajetórias sobre os percursos do Outro, suas jornadas são, em certa medida, também nossas jornadas. E ainda mais, o conjunto dessa tematização nos mostra em que medida a psicanálise resulta em um intrincado processo de impactos e identificações.

Alexandre Vidal Porto é diplomata, nasceu em São Paulo, no ano de 1965. É mestre em Direito pela Universidade de Harvard, e atualmente possui uma coluna no jornal *Folha de São Paulo*.

Em resumo, o livro trata da narrativa de Armando, um renomado psicanalista brasileiro, de meia-idade, que tem o hábito de investigar seus pacientes. Ele crê que: “[...] a velhice precoce é comum entre os psiquiatras. Absorvemos os problemas dos pacientes. Envelhecemos por eles”. O fruto da acumulação de problemas do Outro traduzido como envelhecimento faz todo o sentido ao compreendermos que Armando é o centro do caleidoscópio traçado por Vidal Porto. O psicanalista, à moda de Freud, narra a história de Sérgio Y, um adolescente – de uma família tradicional e bem posicionada socialmente, da cidade de São Paulo – que possui “tudo” materialmente falando, mas que convive psiquicamente com um contragosto, um “mal-estar” estrutural, um incômodo na alma.

Sérgio pareceu ao psiquiatra¹ um jovem interessante, esclarecido sobre questões de sua existência, mas que sentia uma infelicidade sistemática e constante. A inconformidade com sua condição o levou a procurar ajuda especializada. Armando confessa que se sentiu atraído pela integridade de Sérgio. O garoto havia despertado sua curiosidade. A partir daí, sobressai o enredo condutor da trama, no qual o narrador escuta a narrativa do sujeito do inconsciente, que o leva às origens (genealógicas) do “paciente”. E elas diziam sobre o seu bisavô imigrante, um homem que realizou a fundação de um império comercial.

Posterior a isso, Sérgio interrompe as sessões e vai para Nova York. Neste interregno entre a escuta e a viagem, há um deslocamento, uma mudança de posição subjetiva, antes alheia ao desejo e construída pelo gozo². O desejo vê-se, finalmente, desencaixado do gozo; ele reage ao nível do corpo. E então Y finaliza o tratamento, com esta afirmação: “Dr. Armando, acho que descobri uma maneira de ser feliz”. Não se sabe se foi unicamente o tráfego equívoco construído pela viagem que desalinhou o gozo do desejo. Mas o fato é que, neste aspecto, o narrador-analista tornar-se - ele parece,

sentir-se assim - responsável pela guinada do desejo de Sérgio Y, a ponto de se culpar do fato trágico que se avizinhava.

O “paciente”, outrora masculino (Sérgio), inicia sua transformação. Desenrolada do gozo surge Sandra. É a operação subjetiva desencadeada no trânsito São Paulo-Nova York. Armando só tem notícias de Sérgio por um encontro ocasional com a mãe de seu outrora analisado, e fica sabendo da sua morte pela *internet*. O psiquiatra é enredado a seguir os passos de Sandra (Sérgio), operando por ouvir diversas vezes suas falas nas sessões, tentando criar no imaginário seus percursos na mudança subjetiva. Afinal, pergunta-se: em que lugar enlaçado na carne estava Sandra, a ponto de não ser percebida? Sua indagação acessada pelo ego não vislumbrava que é no conjunto de laços sociais reeditados que se fundavam novas inscrições do desejo.

Sandra torna-se *chef*; é uma das alunas mais brilhantes de um curso de culinária em Nova York. Divide apartamento com Laurie Clay, uma estudante filha de pais conservadores. Laurie vive em meio a delírios causados em parte pelo uso de alucinógenos e por algumas crenças religiosas contadas e ditas como “vozes do além”, que seriam, também, “a voz do pai”. O mesmo que dizia ser a “transexualidade, um artifício do demônio”. Laurie Clay joga Sandra da janela para a morte. Assim, Armando é levado a uma jornada de busca pelos rastros de Sérgio Y, tentando desvencilhar-se da culpa. Ele conversa com a psiquiatra americana de Sandra, que o informa sobre a cirurgia de “adequação”. Procura por pistas nos arredores do apartamento de Sandra, faz uma espécie de entrevista com a assassina de Sérgio, seu paciente. Um tanto obsessivo, é assim que resta nosso narrador-psicanalista.

Ao fim de sua busca, descansado da obsessão da culpa, percebe que ao invés de “ouvir as respostas é preciso, antes, senti-las”. Desfaz-se a obsessão que caracteriza, até então, a narrativa. O que se percebe ou o que se retira de uma história bem urdida é que ela está em toda parte. Os sujeitos desencaixados do “gozo cotidiano” que lhes comprime o desejo estão para além das regras sociais e por isso passam despercebidos; mas, basta deslocarem-se (mover simbolicamente os corpos) que eles reeditam seus desejos.

A narrativa de Alexandre Vidal Porto se presta a esse lugar de “desassossego” simbólico; ele nos leva a dizer do nosso gozo. Quem está preso em cada um de nós? Qual viagem é necessária para fazê-lo vir-a-ser? É tanto pela escrita, como por toda linguagem, sempre desviada e arbitrária, que se conformam e desenformam as subjetividades; não importando se este aspecto é sociológico ou inconsciente, ou mesmo os dois; contanto que nos ofereçam um belo livro para ler ao fim de uma tarde chuvosa e melancólica.

NOTAS

1 Para os fins desta resenha, usam-se como sinônimos os termos psiquiatra e psicanalista, pelo fato de o autor do livro basear-se na tradição psicanalítica dos Estados Unidos.

2 A noção de “gozo”, aqui, se alinha à veiculada na experiência analítica, segundo a qual o gozo não necessariamente tem a ver com prazer e satisfação; e sim com um “excesso insuportável de prazer” que desencadeia sofrimento. Mais informações, consultar: **Uma abordagem sobre o conceito de gozo em psicanálise**. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012178_2012_cap_3.pdf. Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

BIBLIOGRAFIA

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro, volume IX, número 1, p. 49-63, jan/jul. 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. (1909-1910). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NIETZCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou o helenismo e o pessimismo*. Tradução de Facó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido para publicação em agosto/2014. Aceita em março/2015.
